

AÇÃO EDUCATIVA SOBRE O AGOSTO LILÁS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**EIXO: VALORIZAÇÃO DAS TRABALHADORAS E FUTURAS TRABALHADORAS NO ÂMBITO DO SUS,
GÊNERO, IDENTIDADE DE GÊNERO, SEXUALIDADE, RAÇA, ETNIA, DEFICIÊNCIAS E AS
INTERSECCIONALIDADES NO TRABALHO NA SAÚDE**

*Heloisy Alves de Medeiros Leano¹, Antonio Isac Bernardino Felix², Erika de Sousa Dias³, Maria Eduarda Garcia
Moreno Silva⁴ Moniz¹ Oliveira Silva⁵, Gislaynne da Silva Barbosa⁶, Monique Dantas Targino⁷, Magna Juciene de
Melo Silva⁸*

heloisy.alves@professor.ufcg.edu.br, antonio.isac@estudante.ufcg.edu.br, erika.sousa@estudante.ufcg.edu.br,
maria.moreno@estudante.ufcg.edu.br, moniz.oliveira@estudante.ufcg.edu.br, gislaynnea.i@gmail.com
moniqueapoio4grs@gmail.com, magnajucienemello@gmail.com

Introdução:

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde é uma ação do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação que promove a integração ensino-serviço-comunidade, proporcionando aos estudantes uma experiência multiprofissional, além da participação dos profissionais da saúde. O tema central da vigência 2024/2025 é relacionado a Equidade de gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e deficiências, em conformidade com o Programa Nacional de Equidade de Gênero, Raça e Valorização das Trabalhadoras no âmbito do Sistema Único de Saúde- SUS, instituído pela Portaria GM/MS nº 230, de 07 de março de 2023 (Brasil, 2021) [1]. O cenário que o Grupo de Atividades de Trabalho (GAT) está inserido é a IV Gerência Regional de Saúde, que possui 12 municípios, em que a sede está localizado no município de Cuité, Paraíba, que faz parte da 2ª macrorregião, englobando doze municípios, sendo Cuité a sede. O eixo escolhido para o serviço é “Valorização das trabalhadoras e futuros trabalhadores no âmbito do SUS, Gênero, Identidade de Gênero, Sexualidade, Raça, Etnia, Deficiências e as Interseccionalidades do Trabalho na Saúde”. O GAT é composto por estudantes dos cursos de nutrição, enfermagem, farmácia e história, além da docente que é tutora e dos profissionais do serviço vinculados ao programa, os preceptores. Dentro do projeto são realizadas diversas atividades, sejam para os profissionais, seja para a comunidade. No mês de agosto é promovida a campanha do Agosto Lilás, idealizada pelo Ministério das Mulheres que visa conscientizar a sociedade acerca da violência contra a mulher. O mês escolhido faz menção à data da sanção da Lei Maria da Penha, 7 de agosto de 2006, um marco político no combate a violência doméstica. A respeito da temática, dados do Brasil revelam que para cada 100 mil mulheres, 1437 foram vítimas de feminicídio, os números de violência doméstica ultrapassam 245.000, tendo um aumento em relação aos anos de 2020 e 2021. No Nordeste, a Paraíba ocupa o 6º lugar no ranking de feminicídios, com 26 vítimas, para cada 100 mil mulheres. As taxas de lesão corporal dolosa e violência doméstica ultrapassam 3000 mil casos, levando em consideração toda a população feminina do estado (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024) [2]. Tais dados são de extrema significância, tendo em vista que diversas formas de violência são subnotificadas, seja porque a mulher é desencorajada a denunciar ou não reconhece que está sofrendo algum tipo de violência. Levando em consideração a relevância social do tema, o GAT promoveu ação de Educação em Saúde na Escola Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido, localizada no município de Cuité-PB, durante o evento “Cuidar e Aprender: I Semana de Saúde na Escola” a ação intitulada como “Violência Contra a Mulher: Conhecer para prevenir”. Além disso, levando em consideração o evento promovido pela escola e o mês de alusivo à campanha de violência contra a mulher, essa ação foi o tema da ação foi pensado para informar a comunidade estudantil sobre as formas de violência, uma vez que o público é suscetível a presenciar esse tipo de ato e não saber identificar os atos de violência por conta da naturalização social. Desse modo, o objetivo desta ação foi conscientizar e explicar o tema com grande relevância por meio da educação em saúde junto a adolescentes e jovens estudantes.

Metodologia/Desenvolvimento da ação:

Trata-se de um estudo descritivo, no formato de relato de experiência de ação de educação em saúde ocorrida em agosto de 2024. A ação contou com integração de 10 estudantes do PET-Saúde, 1 tutora/professora, 2 preceptoras e

¹ Orientadora, tutora e professora, UFG, Campus Cuité, PB. Brasil.

^{2,3,4,5} Estudante de graduação, UFG, Campus Cuité, PB. Brasil.

^{6,7,8} Preceptoras do PET-Saúde, Cuité, PB. Brasil.

turmas do ensino médio da instituição. A escolha da metodologia foi discutida, construída e lapidada em equipe. Foi elaborado um plano de ação composto por objetivos da ação, conteúdo a ser abordado, metodologia, recursos necessários, público alvo e tempo. A atividade foi dividida em três momentos, com duração de 45 minutos ao total, tendo como público alvo estudantes do ensino fundamental e médio. A primeira etapa foi o acolhimento dos estudantes no auditório da escola com músicas que versassem sobre a violência, em seguida foi realizada apresentação dos componentes do PET Saúde. Com a participação efetiva do público estudantil, de faixa etária média de 15 a 18 anos, objetivando receber e proporcionar um ambiente confortável, além de discutir brevemente sobre o tema, após o acolhimento, foi realizada encenação teatral. O recurso metodológico do teatro contou com a participação de todos os alunos integrantes do GAT, que interpretaram personagens e situações exemplificando as diferentes formas de violência contra a mulher. A encenação serviu como uma ferramenta dinâmica e educativa, projetada para envolver emocionalmente o público com a temática. Além disso, durante a apresentação, foi utilizado um data show para exibir slides que complementaram a encenação, apresentando informações relevantes sobre a violência contra a mulher e reforçando o conteúdo abordado. Para contextualizar e fornecer uma base histórica e legal, foi exibido um vídeo sobre o surgimento e a importância da Lei Maria da Penha, com a finalidade de mostrar o surgimento da lei e o porquê desse nome, como também de compartilhar com o público os direitos das mulheres e os mecanismos legais para combater a violência. A forma de abordagem combinou técnicas teatrais com recursos audiovisuais, garantindo que o público fosse informado e sensibilizado sobre o tema. Da mesma forma que finalizou a peça, o resultado esperado para tal momento é justamente que os telespectadores saibam diferenciar e reconhecer que existem várias formas de violência contra a mulher. Por fim, o terceiro momento consistia no encerramento, com a finalidade de identificar se os alunos entenderam o conteúdo e aprenderam a diferenciar os tipos de violência contra a mulher. Como estratégia de feedback, foi utilizada metodologia de gamificação com o uso de balões, e dentro de cada um havia perguntas relacionadas ao tema da violência contra a mulher, apresentadas por meio da encenação. A ação resultou em uma repercussão positiva, conforme evidenciado pelo engajamento dos estudantes durante a dinâmica final, que consistiu em perguntas

Resultados observados:

A participação ativa dos alunos demonstrou interesse e compreensão sobre os tópicos abordados, com respostas que refletem a assimilação das discussões realizadas. É de suma importância abordar a violência doméstica no ambiente escolar, pois se trata de um tema de extrema relevância social que impacta diretamente a formação dos jovens enquanto cidadãos conscientes. Trabalhar essa temática com estudantes possibilita o desenvolvimento de um olhar crítico sobre questões de gênero, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Além disso, esse tipo de abordagem educativa auxilia na identificação e na não relativização de diversos tipos de violência, incluindo aquelas menos explícitas, como a violência psicológica, moral e patrimonial, que muitas vezes passam despercebidas em comparação com a violência física. Abordar a violência doméstica no ambiente escolar é essencial para formar cidadãos conscientes e críticos. Essa temática promove a desconstrução de estereótipos e facilita a identificação de diferentes formas de violência, inclusive as menos explícitas, como a psicológica e a moral. Ao fomentar esse debate, a escola fortalece seu papel como agente de transformação social, capacitando os jovens a reconhecer e combater comportamentos abusivos em suas comunidades. Nesse sentido, a atividade desenvolvida pelo PET Saúde na escola vai além de informar sobre a violência contra a mulher, promovendo uma reflexão crítica que incentiva os estudantes a observar o mundo ao seu redor com um olhar mais atento, questionando práticas e comportamentos que fortalecem a desigualdade e a opressão. Segundo Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para sua construção coletiva”. Assim, a abordagem educativa aplicada na ação do Agosto Lilás possibilitou aos alunos um papel ativo, em que se sentiram parte do processo de mudança e transformação social. No ambiente escolar, esse movimento educativo é essencial, pois permite que os jovens, desde cedo, compreendam a importância de respeitar os direitos das mulheres, desenvolvam empatia e se tornem agentes de transformação.

Discussões com a literatura pertinente:

A importância das ações na escola é vastamente disponibilizada na literatura. O Ministério da Saúde em conjunto com o Ministério da Educação no ano de 2007 criou o Programa de Saúde na Escola (PSE) com a finalidade de garantir a formação integral dos escolares da rede de educação pública básica do Brasil a partir das ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (Mallue *et al.*, 2022) [3]. O Programa de Saúde na Escola propõe que a saúde não seja concentrada em um setor, mas como uma conexão entre setores diversos, que envolve interdisciplinaridade e intersetorialidade entre contextos diferentes. Destaca-se a importância da realização da Educação em Saúde na escola, visto que é um espaço favorável para o diálogo sobre diversos âmbitos que fazem parte da formação humana e atuação em sociedade, diante da diversidade de questões que há no espaço escolar, contribui para diversos debates (Vieira, 2017) [4]. De acordo com Freire (1996) [5], o conhecimento deve ser construído em colaboração com os alunos, proporcionando um movimento de aprendizagem mútua, onde há troca de experiências com os alunos e vice-versa. O ambiente escolar, ao promover esse tipo de discussão, fortalece seu papel como um espaço de transformação social e capacita os jovens a reconhecer e combater comportamentos abusivos dentro e fora de suas comunidades (Novais *et al.*, 2020) [6]. Observou-se que a abordagem utilizada favoreceu o diálogo e a reflexão crítica, elementos essenciais no processo de formação cidadã. Além disso, a encenação e as interações promovidas durante a dinâmica destacaram o potencial da escola como um

espaço de discussão de temas sociais relevantes, reforçando seu papel na sensibilização e no combate a problemáticas presentes na sociedade (Silva Junior; Urt, 2022) [7]. Como aponta Engel (2020) [8], a violência contra a mulher é uma realidade global que afeta todas as fases da vida, desde a infância até a velhice, e muitas vezes é silenciosa, sendo naturalizada em diversos contextos familiares. Portanto, a ação exemplifica o poder transformador da educação que Paulo Freire defendia, buscando tornar os alunos protagonistas de uma mudança significativa.

Considerações finais:

Diante da relevância da ação e do tema abordado, pode-se afirmar que o objetivo da iniciativa foi alcançado. A interação e o engajamento dos participantes, além do feedback positivo recebido, evidenciam o sucesso da ação em sensibilizar e informar sobre os temas abordados, cumprindo assim a proposta de relatar e compartilhar essa experiência enriquecedora. Concluímos que a ação alcançou seu objetivo de promover a educação em saúde para os estudantes da escola. A experiência proporcionou reflexões sérias, sensibilizou o público-alvo sobre a temática da violência contra a mulher e fortaleceu o compromisso com a conscientização e a prevenção desse problema social. A receptividade e o engajamento dos participantes evidenciaram o impacto positivo da iniciativa, demonstrando a importância de ações educativas em contextos escolares. Além disso, essa iniciativa destaca a necessidade contínua de promover discussões e atividades que abordem a violência de gênero, fortalecendo a educação e a consciência social entre os jovens. O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde proporciona ações de participação social, o que fortalece a integração do ensino-serviço-comunidade. Os alunos de graduação que participam são envolvidos por temas sociais da vigência sobre Equidade e realizam diversas atividades com o objetivo de conscientizar a população por meio de informações e demonstrações práticas dos assuntos. O PET possibilita aos participantes oportunidades de aprendizado para além da universidade, visto que cada cenário possui particularidades que ampliam o entendimento acerca da saúde. A ação que foi relatada por meio desse material demonstra o envolvimento do projeto em eventos com a comunidade escolar, por meio de assuntos essenciais e necessários para todos.

Palavras-chaves: *Educação em Saúde, Violência contra Mulher; Educação e Saúde.*

Referências:

- [1] BRASIL. Ministério da Saúde. Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde). Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/pet-saude>.
- [2] FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>
- [3] Mallue FG, Leite G. S., Dias T.C., Guimarães I.F., Knuth A.G., Crochemore-Silva I. Perspectivas de Profissionais de Educação sobre ações do Programa Saúde na Escola em Pelotas em 2022. Rev. Bras. Ativ. Fis. Saúde. 2024;29: e0341. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/15222/11351>.
- [4] VIEIRA, Marina *et al.* Expressa Extensão. INFÂNCIA SAUDÁVEL: Educação em Saúde nas Escolas, Minas Gerais, v. 22, ed. 1, p. 138-148, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/10808-39941-1-PB.pdf>.
- [5] FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [6] NOVAIS, Melissa de; SANTOS, Jaqueline Aguiar dos; LABIAK, Fernanda Pereira; NUNES, Ariella Cappellari. Violência contra a mulher: um diálogo com estudantes do ensino médio. Revista Elo – Diálogos em Extensão, [S.L.], v. 9, p. 1-7, 25 set. 2020. Revista Elo - Dialogos em Extensao. <http://dx.doi.org/10.21284/elo.v9i.9435>.
- [7] SILVA JUNIOR, Aldenor Batista da; URT, Sonia da Cunha. Enfrentamento da violência na escola. Psicologia da Educação, [S.L.], n. 53, p. 55-65, 25 nov. 2022. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2175-3520.2021i53p55-65>.
- [8] A violência contra a mulher. Engel, Cíntia Liara. Beijing +20: Avanços e Desafios no Brasil Contemporâneo. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. p. 160-212.

Agradecimentos:

A Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde - SGTES do Ministério da Saúde pelo fomento de bolsas no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), bem como, pela parceria e apoio interinstitucional do Centro de Educação e Saúde (UFCG), pela Secretaria Municipal de Saúde de Cuité e a IV Gerência Regional de Saúde (SES/PB) na vigência 2024-2026.